



## Observatório de Política Exterior do Brasil

**– Informe de Política Externa Brasileira –  
Nº 64  
Maio – 2015**

### **Apresentação:**

O Observatório de Política Externa Brasileira (OPEB) é um projeto de informação temático executado pelo Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES), do Centro de Estudos Latino-americanos (CELA) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Franca.

Em seu Informe mensal, o Observatório de Política Externa Brasileira destina-se a analisar a cobertura dada pelas revistas semanais *Carta Capital* e *Veja*, e pelos jornais *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Zero Hora*, mais especificamente pelos seus editoriais. Partindo-se do princípio de que esses veículos são formadores de opinião pública e representantes de posicionamentos político-ideológicos distintos, justifica-se verificar qual a visão que divulgam a respeito das ações do governo brasileiro no que tange a sua política externa. A metodologia utilizada para a realização dessa análise será a leitura minuciosa das reportagens e posterior cotejamento das mesmas a fim de identificar as diferentes percepções dessa política de Estado. Em um segundo momento, uma breve análise da conduta brasileira no âmbito internacional será feita à luz das Relações Internacionais.

**Em 2009, o OPEB ganhou prêmio de melhor projeto de extensão na área das Humanidades no V Congresso de Extensão Universitária da UNESP e em 2011 ficou em 3º lugar na sexta versão do mesmo congresso.**

Equipe de redação e revisão:

Coordenação: Profa. Dra. Suzeley Kalil Mathias;

Doutorando em Relações Internacionais, Política Internacional e Resolução de Conflitos (Universidade de Coimbra)/ Mestre em História (Unesp/Franca): Tiago Pedro Vales;  
Mestrandos em Relações Internacionais (San Tiago Dantas – Unesp/Unicamp/PUCSP): Giovanna Ayres; José Augusto Zague; Lívia Peres Milani; Luiza Elena Januário;  
Raphael Camargo Lima;  
Graduado em Relações Internacionais pela UNESP/ Franca: Henrique Neto Santos;  
Graduandos em Relações Internacionais pela UNESP/ Franca: Aline Meschiatti; Jonathan de Assis; Kimberly Digolin.



## Observatório de Política Exterior do Brasil

No mês de maio, a mídia brasileira abordou temas diversos relacionados à política externa brasileira. Sem dúvida, o assunto que mais repercutiu nos periódicos foram as relações entre Brasil e China. A grande quantidade de acordos bilaterais assinados entre esses países chamou a atenção dos periódicos *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Veja* e *Zero Hora*, gerando um debate sobre as oportunidades econômicas para o Brasil. As relações bilaterais entre Brasil e México e Brasil e Argentina também foram abordadas, com destaque para o acordo automotivo entre o governo brasileiro e o país vizinho. O jornal *Folha de S. Paulo* ainda debateu sobre a economia brasileira e a abertura econômica e o periódico *Zero Hora* trouxe um editorial que critica a política migratória do Brasil.

### **Relações Brasil-Argentina**

No dia 12 de maio, *O Estado de S. Paulo* abordou, em editorial, a decisão de Brasil e Argentina para prolongar o acordo automotivo entre ambos. A posição do jornal foi bastante crítica, argumentando que o Brasil escolhe ficar à margem do comércio global, ao optar pelo "pacto de mediocridade" do Mercosul. De acordo com o periódico, o acordo automotivo sempre visou atender a interesses argentinos, o Brasil sempre concedeu à posição do vizinho e não promoveu medidas para aumentar sua produtividade nesse campo, tornando a indústria nacional dependente do vizinho. O editorial destaca que, apesar do protecionismo com relação ao Brasil, a Argentina tem aberto seu comércio à China e que o Brasil começa a perder espaço no mercado argentino de manufaturados.

No que se refere à posição de *O Estado de S. Paulo*, pode-se destacar, em primeiro lugar, que a crítica da postura brasileira frente à Argentina é um claro questionamento à integração regional, tendo em vista que um processo integrativo requer que os interesses sejam pensados de maneira conjunta e que haja cessões e perdas a curto prazo para que o bloco possa ter ganhos conjuntos a longo prazo. Tendo em vista a interdependência entre Brasil e Argentina, não é interessante ao Brasil um vizinho com dificuldades econômicas, já que as mesmas refletem no comércio bilateral.



## Observatório de Política Exterior do Brasil

Por outro lado, a posição do jornal de entender que o objetivo brasileiro deveria ser abrir-se ao comércio internacional, de maneira ampla, pode ser colocada em questão. Embora seja necessário promover as exportações de manufaturados brasileiros, é necessário considerar, como destacado pelo jornal, que a competitividade do país não é alta, e que a abertura mais ampla pode significar ainda maiores dificuldades à indústria nacional. Nesse sentido, pode-se destacar também que as dificuldades econômicas argentinas, principalmente no setor industrial, são fruto de uma rápida e unilateral abertura econômica, que gerou desindustrialização no país vizinho, processo que se tentou frear durante os governos Kirchner. Entretanto, há que se concordar com o periódico sobre a contradição entre a postura protecionista argentina de maneira geral e a maior abertura no que se refere à China. Nesse caso, a matização que pode ser feita refere-se à necessidade de liquidez pela qual passava o país, situação na qual o Brasil não pode cooperar, o que fez com que o vizinho se voltasse para a Ásia.

### **Relações Brasil-México**

O jornal *O Estado de S. Paulo* abordou as relações bilaterais entre Brasil e México. O periódico considerou positiva a aproximação entre ambos os países com a intenção de ampliar de 800 para 6 mil o número de produtos com redução tarifária nas trocas entre Brasil e México. O México é membro do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) e é um dos membros da Aliança do Pacífico. Desse modo, o editorial enxerga na aproximação com o México uma forma de o Brasil aprofundar as relações comerciais com outros países e assinar mais acordos de livre-comércio. Isso ocorreria em detrimento das relações com o Mercosul, as quais *O Estado de S. Paulo* chama de diplomacia terceiro-mundista, ou seja, uma maior aproximação comercial com os membros do Mercosul e com países em desenvolvimento, inaugurada pela ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Nessa situação, o México teria a função de intermediar a aproximação do Brasil com os países mais desenvolvidos e abrir o comércio brasileiro a esses atores.

Apesar da aproximação com o México, não se nota uma intenção por parte do governo brasileiro de realmente aproximar-se da Aliança do Pacífico, tampouco dar



## Observatório de Política Exterior do Brasil

prioridade às relações com os EUA em detrimento do Mercosul. Mesmo com as críticas à chamada diplomacia terceiro-mundista, nota-se que a articulação regional feita pela Brasil, sobretudo a partir de 2003, tem uma importância – não mencionada pelo jornal – de diversificar as parcerias comerciais brasileiras para que o país não se torne dependente de um mercado desenvolvido, o que poderia prejudicar sua economia nacional. Portanto, a aproximação com mercados desenvolvidos não é a solução para os problemas econômicos brasileiros e o fortalecimento das alianças com países do Sul pode ser vista como uma alternativa eficaz para se conseguir um espaço no cenário econômico mundial.

### **Imigração**

Em editorial publicado no dia 27 de maio, o periódico *Zero Hora* criticou a política migratória do Brasil. De acordo com o jornal, a chegada crescente de haitianos e africanos exige uma política de imigração clara e transparente, além de mobilização efetiva das autoridades para que a legislação seja cumprida e para que os migrantes tenham oportunidades efetivas.

A crítica do jornal vem em um momento em que os fluxos migratórios intensificam-se no país e surge a demanda por maior organização da recepção aos imigrantes para aproveitar o potencial de estrangeiros que deixam seus países em busca de novas oportunidades no Brasil. Nessa situação, percebe-se a urgência de reformular o Estatuto do Estrangeiro, criado ainda durante a ditadura militar, de modo a garantir os direitos dos estrangeiros no Brasil. O jornal ainda lembra, de forma pertinente, que se deve garantir boas condições trabalhistas aos imigrantes e o respeito aos direitos humanos, evitando qualquer forma de xenofobia que possa ser despertada em um momento de aumento do número de imigrantes recebidos no país.

### **Economia Brasileira**

Em editorial, o jornal *Folha de S. Paulo*, afirma que começa a haver um reequilíbrio no conflito entre setores industriais que há 80 anos obtém benefícios do



## Observatório de Política Exterior do Brasil

Estado para competir e, a vertente liberalizante do setor, que propõe a abertura econômica como solução para os males do subdesenvolvimento. Segundo o periódico, o desenvolvimentismo, responsável por estabelecer no Brasil um parque fabril diversificado ao longo de décadas, passou por uma hipertrofia entre 2008 e 2014, o que sufocou a vertente liberalizante. Para o jornal, o Mercosul tornou-se um clube do populismo, a reunir praticantes moderados, caso do Brasil, e extravagantes, como Venezuela e Argentina. Com a economia atingida pelos experimentos demagógicos, venezuelanos e argentinos agora recorrem ao capital chinês como a um balão de oxigênio, e isso amplia a desarmonia no bloco. Para o periódico, enquanto a Argentina deixa de comprar produtos brasileiros para adquiri-los da China e cria barreiras aos produtos nacionais, o governo de Dilma Rousseff faz ouvidos moucos às investidas argentinas com a alegação de que o país maior deve tolerar alguma desobediência dos outros. A solução passa pelo enfraquecimento do esquerdismo nacionalista do PT e de fatia protecionista do empresariado, pois há uma parte dos empresários que já entenderam que deve haver um processo gradual e paulatino de abertura econômica do Brasil ao mercado global. Segundo a *Folha de S. Paulo*, liberar o Brasil das amarras do Mercosul conduziria o país a ter papel condizente com seu tamanho no século mais próspero da humanidade.

O jornal *Folha de S. Paulo* insiste na panaceia da abertura econômica aos mercados estadunidense, europeu e asiático, expondo o país à competição internacional, como antídoto e solução para os problemas de competitividade da indústria. A maneira pueril como o jornal defende a liberalização econômica e a necessidade de acordos de livre-comércio, como solução para os problemas da economia brasileira, reflete a incapacidade do editorialista em enxergar a complexidade do mundo do século XXI. O Brasil do século XXI, após as altas contínuas no valor do salário mínimo, a incorporação de novos consumidores ao mercado e a estruturação de novos direitos sociais como o Bolsa Família, passou a ser menos atrativo para parte considerável do setor industrial exportador global, que depende do custo baixo da mão de obra para competir com a China e países asiáticos na produção de bens de consumo. O empresariado brasileiro, pouco acostumado a investir em inovação tecnológica, sempre ampliou a produtividade incorporando o baixo custo da mão de obra na produção de



## Observatório de Política Exterior do Brasil

bens tecnologicamente pouco elaborados ou utilizando tecnologia desenvolvida fora do país. Nesse sentido, abrir o mercado brasileiro à competição internacional sem investir em inovação pode representar a quebra do que restou da indústria nacional.

### **Acordos Brasil-China**

A assinatura de trinta e cinco acordos bilaterais entre Brasil e China teve grande repercussão na mídia brasileira. Os acordos apresentam uma grande variedade de temas, incluindo investimentos chineses em obras de infraestrutura no país sul-americano. Nessa área, destaca-se por sua ambição a possibilidade de construção de uma ferrovia entre o centro-oeste do Brasil e Peru para ligar o Oceano Atlântico ao Pacífico. Embora ainda sejam necessários estudos de viabilidade do projeto, a obra representaria uma forma alternativa para o Brasil escoar sua produção de grãos a custos mais baixos e facilitaria o transporte de produtos exportados chineses. Os acordos de caráter imediato referem-se à reabertura do mercado chinês de carne bovina, à confirmação da venda de jatos da Embraer e a um empréstimo para a Petrobras.

Em editorial publicado no dia 19 de maio, o *Correio Braziliense* discorreu sobre a visita da comitiva chinesa ao Brasil, enaltecendo a importância da assinatura de acordos para a recuperação da economia brasileira. De acordo com o jornal, a realização dos acordos apresentaria vantagens para os dois países, especialmente quando considerados os recursos chineses e a necessidade brasileira de investimentos em infraestrutura. Contudo, o periódico salientou que a aproximação chinesa com países sul-americanos atende a uma estratégia cuidadosamente traçada e, portanto, o Brasil deveria agir de modo a também ter seus interesses contemplados pela parceria.

Em reportagem da edição de 20 de maio, a *Veja* abordou as expectativas que estavam sendo moldadas acerca dos acordos. A revista ressaltou que enquanto o Brasil necessita reduzir seus gastos públicos e atrair investimentos em infraestrutura, a China procura aliviar o excesso de capacidade de produção de sua indústria e facilitar seu acesso a matérias-primas de outros países. O periódico afirmou que a efetivação da parceria seria benéfica para a estagnada economia brasileira, mas destacou que o governo deve retirar obstáculos a projetos de investimentos para que a oportunidade



## Observatório de Política Exterior do Brasil

possa ser aproveitada. Não obstante, cabe ressaltar que a *Veja* também salientou que o movimento chinês faz parte de uma geoestratégia de projeção de poder e que o Brasil deve ficar atento ao risco de significativo aprofundamento de uma relação desigual, apontando ainda a grande expectativa brasileira em relação aos acordos como um sinal da fragilidade da economia do país.

Por sua vez, em editorial publicado no dia 21 de maio, *O Estado de S. Paulo* expressou ceticismo acerca dos acordos firmados entre Brasil e China, especialmente por um alegado desequilíbrio na relação entre os países. Segundo o periódico, o papel exercido pelo Brasil de receptor de investimentos e tecnologias chinesas é um reflexo das relações comerciais entre os países que, conforme aponta *O Estado de S. Paulo*, possuem uma característica semicolonial. Ou seja, assim como os demais países da América do Sul, o Brasil apenas cumpre a função de fornecer matérias-primas para o desenvolvimento chinês. Nesse sentido, o jornal salientou que mesmo o entendimento referente à venda de jatos da Embraer à China não altera o padrão assimétrico do comércio entre os dois países.

Em editorial de 21 de maio, o *Zero Hora* afirmou que é positivo o fato de os acordos envolverem tanto a iniciativa pública quanto a privada, o que seria um reforço à perspectiva do Brasil não se limitar mais às exportações de ferro para o país asiático, segundo o periódico. Contudo, o jornal destacou que a aproximação não é a solução para todos os problemas e que o governo brasileiro deve continuar com o ajuste fiscal e conscientizar-se de que uma parceria de tal dimensão demanda rigorosa reciprocidade, bem como seriedade e produtos e serviços qualificados, para trazer os resultados esperados.

Em contrapartida, em editorial publicado no dia 25 de maio, a *Folha de S. Paulo* também manifestou ceticismo aos acordos assinados, principalmente pela ampla agenda proposta e pelos altos valores envolvidos. Assim como outros editoriais, o jornal considerou que o momento político e econômico do Brasil propicia uma aproximação entre os países, além de salientar a existência de uma suposta complementaridade econômica que favorece o cumprimento de interesses de ambos. Dessa forma, a *Folha de S. Paulo* destacou a suposta intenção chinesa de ampliar a natureza dos acordos para além do acesso a matérias-primas, visando beneficiar o segmento de engenharia civil do



## Observatório de Política Exterior do Brasil

país com acordos de infraestrutura no exterior. Frente a essa questão, o periódico defendeu que o Brasil deve reivindicar contrapartidas de transferência de tecnologia e criação de empregos locais, com o intuito de maximizar o que seria o interesse nacional.

Enquadrando a assinatura dos acordos em questão à conjuntura mais ampla das relações Brasil-China, nota-se que esses esforços fazem parte de um crescente incremento da parceria entre os países. No âmbito das organizações internacionais, as relações entre Brasil e China têm manifestado dinamicidade e complexidade, uma vez que os países transitam da aliança à rivalidade, em virtude do tema a ser debatido. Nos últimos anos, sobretudo pela relevância político-econômica em nível internacional, Brasil e China articulam-se no âmbito do acrônimo BRICS, juntamente com outros três países, o que esboça certa consonância de interesses na agenda de reforma das instituições que regulam a economia mundial. Já em nível bilateral, a China se destaca como o principal parceiro comercial do Brasil, com a predominância de exportações de commodities e importação de produtos manufaturados. Nesse sentido, observa-se que as relações comerciais entre os países, apesar de enquadradas em um contexto político de aproximação Sul-Sul, possuem características de um comércio Norte-Sul.

Os editoriais variaram quanto ao grau de ceticismo em relação aos acordos Brasil-China, mas de forma geral consideraram que a aproximação pode representar oportunidades econômicas para o Brasil. Ainda assim, não deixaram de destacar que a parceria não é uma solução milagrosa para os problemas da economia brasileira e apontaram diferentes cuidados que necessitam ser tomados. Estes incluem a busca pelo princípio da reciprocidade ao se firmar os acordos, a importância de não ceder a pressões chinesas e exigir contrapartidas como transferência de tecnologia e emprego de mão-de-obra local no caso das obras de infraestrutura, além de realizar reformas internas para melhor aproveitar a oportunidade. Foi assim apresentado um quadro amplo sobre a questão, constituído tanto pelas potencialidades quanto pelos desafios e perigos da série de acordos, culminando em uma análise abrangente acerca da dualidade existente e que deve ser levada em consideração ao se pensar a questão.

### **Referências:**

Correio Braziliense – **Opinião:** Brasil menos competitivo – 12/05/2015;



## Observatório de Política Exterior do Brasil

Correio Braziliense – **Opinião:** Negócios entre Brasil e China – 19/05/2015;  
Folha de São Paulo – **Opinião:** Hora de Navegar – 23/05/2015;  
Folha de S. Paulo – **Editorial:** Interesses convergentes – 25/05/2015;  
O Estado de S. Paulo – **Notas & Informações:** Mediocridade automotiva – 12/05/2015;  
O Estado de São Paulo – **Opinião:** O Brasil nos planos da China – 21/05/2015;  
O Estado de S. Paulo – **Notas & Informações:** Brasil, México e os erros de Lula – 28/05/2015;  
Veja – **Economia:** A invasão dos bilhões chineses – 20/05/2015;  
Zero Hora – **Editorial:** Parceria estratégica – 21/05/2015;  
Zero Hora – **Opinião:** Imigração organizada é mais humanitária – 27/05/2015.